

O contributo de N. Cabasilas à espiritualidade litúrgica

JOSÉ MANUEL GARCIA CORDEIRO

Pontificio Ateneo S. Anselmo – Roma

A vida cristã requer sempre uma vida espiritual, que não pode existir sem a liturgia¹. O Magistério, com efeito, salienta-o claramente e apresenta o lugar fundamental da liturgia na vida espiritual cristã como «fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão, que é a participação activa nos santos mistérios e na oração pública e solene da Igreja»².

A Igreja convida, por isso, a redescobrir a liturgia como expressão da autêntica vida espiritual. Neste sentido, exorta a uma contínua renovação e a uma constante formação litúrgica: «tendo como finalidade favorecer a compreensão do verdadeiro sentido das celebrações da Igreja e ainda uma adequada instrução sobre os ritos, tal formação requer uma autêntica espiritualidade e a educação para vivê-la em plenitude. Por conseguinte, há que promover ainda mais uma verdadeira “mistagogia litúrgica”, com a participação activa de todos os fiéis, cada qual segundo as próprias competências,

¹ Cf. A. COELHO, *A importância da cultura litúrgica na vida espiritual* (Vida litúrgica 3), Braga 1927; Cf. E. BIANCHI, *Lessico della vita interiore. Le parole della spiritualità*, Milano 2004, 15-18.

² PIO X, *Motu proprio «Tra le sollecitudini»*, AAS 36 (1903-1904) 331.

nas acções sagradas, particularmente na Eucaristia»³. A liturgia constitui, deste modo, uma fonte viva para a espiritualidade cristã.

A liturgia está na origem do desenvolvimento e da consumação da própria vida cristã. Esta é a vida segundo o Espírito, coerente com Ele. À liturgia é dado o lugar de «*culmen et fons*»⁴ da acção da Igreja. Da mesma liturgia vem a santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus, que constituem a estrutura teândrica da liturgia, a actuação objectiva do evento salvífico.

Quanto ao itinerário biológico cristão da Iniciação à Caridade, fomos cativados por uma voz do Oriente, Nicolau Cabasilas e, sobretudo pela sua obra prima «**A vida em Cristo**»⁵. Ousamos uma breve reflexão pessoal, com a intenção de conhecer e aprofundar a vida segundo o Espírito, a vida em Cristo. Pelas muitas coisas de valor teológico e espiritual em torno dos sacramentos, encontraremos a “biologia” da liturgia na espiritualidade cristã.

Liturgia e espiritualidade

Podemos dizer que a liturgia é espiritualidade, ou melhor, a liturgia é a espiritualidade cristã. A espiritualidade litúrgica é a espiritualidade cristã, no sentido em que: «toda a vida cristã deve fundar-se na liturgia, isto é, na celebração dos sacramentos, sobretudo nos sacramentos da Iniciação cristã e da Eucaristia, e, em linha de princípio, na celebração da Liturgia das Horas, no amplo quadro do Ano litúrgico»⁶. A espiritualidade cristã, enquanto tal, não pode ser assim chamada a não ser por via sacramental. Não é uma espiritualidade cristã, mas é a espiritualidade cristã. A sua qualificação própria é a vida dos cristãos em permanente encontro com Jesus Cristo sob a acção do Espírito Santo.

³ J. PAULO II, Exortação pós-sinodal *Ecclesia in Europa* 73; Cf. J. PAULO II, *Pastores Dabo Vobis* 48.

⁴ SC 10.

⁵ CABASILAS, N., *La vita in Cristo (Fonti medievali per il terzo millennio, 11)*, Città Nuova, Roma 32000.

⁶ F. P. TAMBURINO, «La liturgia fonte di una autentica spiritualità», in CENTRO DI AZIONE LITURGICA (ed.), *Liturgia fonte e culmine. A 40 anni dalla costituzione sulla sacra liturgia [54ª settimana liturgica nazionale, Acireale, 25-29 agosto 2003]*, Edizioni Liturgiche, Roma 2004, 161; Cf. A. LOUF, *La vita spirituale*, Edizioni Qiqajon, Bose 2001, 9; Cf. B. NEUNHEUSER, «Spiritualità liturgica», in D. SARTORE-A.M. TRIACCA-C. CIBIEN, *Liturgia*, Cisinello Balsamo (Milano) 2001, 1915.

A liturgia apoia-se em três aspectos constitutivos: a escuta da **Palavra**, a visão da **Glória** e a experiência do **Mistério**⁷. Estes são três pontos essenciais da mesma realidade típica da ritualidade cristã, de conformação antropológica da espiritualidade litúrgica. Na escuta da Palavra revelada fundamenta-se o rito litúrgico. A liturgia é um anúncio e antecipação da visão da Glória futura, qual contemplação do rosto de Deus. A experiência do Mistério realizada nas celebrações litúrgicas faz-nos centrar sempre em Jesus, para que seja Ele a iluminar e a guiar. Os mesmos aspectos da liturgia são os modelos organizativos que conformam a antropologia à liturgia. A questão da linguagem na liturgia não é simples discurso com palavras, mas o conjunto de representação, expressão e comunicação.

Liturgia e vida

A espiritualidade não se ensina, aprende-se e experimenta-se. À pergunta dos discípulos «onde moras?» Jesus responde «vinde e vede»⁸. Esta resposta do Mestre continua a ser um convite permanente para a comunicação plena e o seguimento definitivo de Cristo. Para tal, a liturgia tem uma comunicação global, verbal e não verbal. Ela «é a norma pela qual todas as outras vidas espirituais verificarão sempre e com facilidade os seus desvios e que lhes servirá de guia seguro para encontrar a via ordinária»⁹. À liturgia atribui-se o termo «*lex orandi*», que é ao mesmo tempo «*lex credendi*», na medida em que na oração litúrgica encontramos toda a revelação e o grande depósito da fé da Igreja.

A relação entre a liturgia e a vida espiritual dos fiéis é bem evidenciado na liturgia mesma como *culmen et fons* e na sua dimensão cristológica e eclesiológica: «A liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, “se realiza a obra da nossa redenção”, contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja»¹⁰.

O binómio *culmen et fons* é proposto pelo texto conciliar com renovado vigor, quando se apresenta a educação litúrgica e a participação activa na

⁷ Cf. C. VALENZIANO, «“vedere la Parola”. Liturgia e ineffabile», *Ecclesia Orans* 9 (1992) 121-140.

⁸ Jo 1,38-39.

⁹ R. GUARDINI, *O espírito da liturgia*, (Spiritus 1) Arménio Amado Editor, Coimbra 1948, 11.

¹⁰ SC 2.

liturgia: «... ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão»¹¹. A vida espiritual, liturgicamente orientada, nasce da celebração vivida. As suas características fundamentais são: cristocêntrica, pascal, bíblica, sacramental e trinitária, com um carácter cíclico repartido ao longo do Ano litúrgico.

As realidades fundamentais para a espiritualidade litúrgica, operada pelo renascimento litúrgico do II Concílio do Vaticano são: o uso dos salmos, a frequência da leitura orante da Bíblia (*lectio divina*), a experiência de uma assembleia orante, a consciência e familiaridade com os grandes textos dos Padres da Igreja e dos escritores eclesiásticos... Efectivamente, Bento XVI recorda que: «na liturgia da Igreja, na sua oração, na comunidade viva dos crentes, nós experimentamos o amor de Deus, sentimos a sua presença e aprendemos deste modo também a reconhecê-la na nossa vida quotidiana»¹².

Hoje, sente-se a «necessidade de um cristianismo que se destaque principalmente pela arte da oração»¹³. A oração litúrgica, que é a voz da esposa ao Esposo, «é antes de mais nada o instrumento da salvação»¹⁴. Na liturgia, o mais importante é louvar a Deus. A vida espiritual cristã é a união do homem com Deus.

Na celebração dos 40 anos da Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*, João Paulo II formulou este voto: «Que neste início de milénio se desenvolva uma “espiritualidade litúrgica”, que leve as pessoas a tomarem consciência de Cristo como primeiro “liturgo”, que não cessa de agir na Igreja e no mundo, em virtude do Mistério pascal continuamente celebrado, e associa a Si mesmo a Igreja para louvor do Pai, na unidade do Espírito Santo»¹⁵. A vida em Cristo começada na existência presente pelos mistérios da Iniciação Cristã será perfeita na vida futura, onde ouviremos a *Voz do Silêncio de Deus*.

Não existirá verdadeira espiritualidade litúrgica sem a experiência viva destas palavras «*Vos agradecemos, porque nos permitistes estar na vossa presença e, oferecer-Vos o nosso serviço*»¹⁶.

¹¹ SC 14.

¹² BENTO XVI, *Deus caritas est* 17.

¹³ J. PAULO II, *Novo Millennio Ineunte* 32.

¹⁴ R. GUARDINI, *O espírito da liturgia*, 95.

¹⁵ J. PAULO II, *Spiritus et Sponsa* 16.

¹⁶ B. BOTTE (ed.), *La tradition apostolique de saint Hippolyte. Essai de reconstitution*, 4 (Liturgiewissenschaftliche Quellen und Forschungen 39), Aschendorffsche verlagsbuchhandlung, Münster Westfalen 1989, 16.

Espiritualidade litúrgica

A qualificação própria da espiritualidade litúrgica é «Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo», isto é, ao Pai (*ad Patrem*), pelo Filho (*per Filium*), no Espírito Santo (*in Spiritu*). Todo o dom salvífico vem do Pai (*ex Patre*), pelo Filho (*per Filium*), no Espírito Santo (*in Spiritu*) e no Espírito Santo, pelo Filho, volta de novo ao Pai¹⁷. A fórmula «*a, per, in, ad*» expressa a dinâmica descendente e ascendente que abarca toda a liturgia.

Trata-se de viver a liturgia como obra da Santíssima Trindade¹⁸, bem expressa na doxologia final da oração Eucarística: «Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória agora e para sempre». O Pai é a fonte e o fim da liturgia. Cristo significa e realiza na liturgia o seu mistério pascal e age pelos sacramentos. A missão do Espírito Santo na liturgia é preparar para o encontro com Cristo e tornar presente a obra salvífica de Cristo pelo dom da comunhão na Igreja orante.

Daqui decorrem duas dificuldades: uma dificuldade teológica acerca do Espírito Santo, porque não tem nome. Para S. Tomás de Aquino, o problema resolve-se porque o Espírito Santo, que é amor e dom¹⁹, não tem nome; a segunda dificuldade respeita à possibilidade de perceber o “*ergon*” da espiritualidade litúrgica, mas como diz Santo Inácio de Antioquia: «Aquele que possui verdadeiramente a palavra de Jesus pode compreender o seu silêncio, porque o Senhor conhece-se no seu silêncio, a fim de poder ser perfeito e agir segundo a sua palavra»²⁰. Na verdade, só podemos louvar o Senhor com as palavras do silêncio.

Da Iniciação cristã à Caridade

Sobre a vida de Nicolau Cabasilas (1320-1391) possuímos poucos dados. Foi um célebre teólogo bizantino, leigo, do século XIV. Alguns referem o

¹⁷ Cf. C. VAGGAGINI, *El sentido teológico de la liturgia. Ensayo de liturgia teológica generale* (BAC 181), Madrid 1965.

¹⁸ Cf. Catecismo da Igreja Católica 1077-1112.

¹⁹ TOMMASO D'ACQUINO, *Somma teologica, I parte, questioni 36-38*, vol. 1, Studio Domenicano, Bologna 1996, 345-362.

²⁰ P.-Th. CAMELOT (ed.), «*Ignace aux Éphésiens 15,1*», *SCh 10bis*, Cerf, Paris 1998.

seu nascimento a 1320 e a sua morte em 1391²¹. A sua terra natal é Tessalónica. Os últimos anos da vida passou-os num mosteiro do monte Athos.

Além de *A Vida em Cristo*, Cabasilas escreveu *A explicação da divina Liturgia*²² e alguns discursos e homilias. *A vida em Cristo* é obra de capital importância para a teologia espiritual e litúrgica. Aqui, apresenta-se a vida sobrenatural como uma vida de união a Cristo que se nos comunica pelos sacramentos e à qual devemos permanecer com a colaboração da nossa vontade²³.

Cabasilas é uma das luzes da Igreja grega do século XIV, um dos seus melhores escritores. O estilo literário distingue-se pela simplicidade e clareza perfeitas. A sua capacidade de síntese dos autores da Tradição cristã, a grande fundamentação bíblica, tornam-no original e de alto valor teológico, espiritual e litúrgico.

Encontramo-nos diante da obra fundamental e original da teologia espiritual bizantina, que liga intimamente a santidade e os mistérios, numa visão mística do mundo. Não pode, contudo, considerar-se um tratado de iniciação aos mistérios (Iniciação cristã), porque a explicação ritual é secundária. Existe, porém, uma excepção para o livro V, que descreve e interpreta o rito da consagração do altar. O objecto do discurso é a vida cristã, como vida de união a Cristo, que se comunica a nós através dos sacramentos.

Assim, a vida cristã é como que um itinerário sacramental. A obra da salvação acontece no homem por meio da vida de Cristo, comparada a uma semente plantada na alma e que se desenvolve na participação com os sacramentos. O homem é chamado a colaborar com o exercício das virtudes, ele é como o vivente em Cristo e Cristo como o verdadeiro homem.

A vida em Cristo

O autor pergunta-se a si mesmo, no capítulo (= cap.) 7º do II livro: «Mas o que é a vida em Cristo?»²⁴, ao que respondeu no cap. 6º do I livro:

²¹ Cf. GARZANTI, M., *Cabasilas, Nicola*, in ERMANO, A. (ed.), *Dizionario enciclopédico di spiritualità*, vol. 1, Roma 1990, 403-404.

²² N. CABASILAS, *Explication de la Divine Liturgie*, SCh 4bis, Paris 1967.

²³ Cf. SALAVILLE, S., *Cabasilas (Nicolas)*, in *Dictionnaire de spiritualité, ascétique et mystique, doctrine et histoire*, II,1, Beauchesmes, Paris 1953, 1-9.

²⁴ CABASILAS, *La vita in Cristo* 135.

«Esta é a vida em Cristo: os divinos mistérios a formam, mas também o cuidado humano tem qualquer parte»²⁵.

A referida obra articula-se em sete livros: o primeiro, trata da vida em Cristo nos sacramentos da Iniciação no seu todo (Baptismo, Myron e Eucaristia); para no segundo, terceiro e quarto falar de cada um, em particular; o quinto é consagrado ao altar e seu simbolismo; o sexto refere-se aos deveres da vida cristã em geral; e o sétimo ao pecado que entristece o cristão e à virtude da alegria. A divisão pode ser feita em três grupos: 1. livro I a V – a vida em Cristo formada pelos mistérios; 2. livro VI – a relação entre o Dom de Deus e a colaboração da vontade do homem; 3. livro VII – trata da perfeição do cristão; o título é diferente dos anteriores, não referindo a “vida em Cristo”.

Vejam, sinteticamente cada um dos livros: **Livro I (5 capítulos e um sumário) A vida em Cristo forma-se por meio dos divinos mistérios do Baptismo, do Myron e da Santa Comunhão.**

“A vida em Cristo”, uma expressão usada com frequência nas cartas paulinas, tem início na vida presente e será perfeita na vida futura. É Cristo que se une aos homens pelos mistérios, comunicando a vida nova. A vida presente é descrita em termos dialécticos: “obstáculo – apoio; risco – possibilidade”. Os mistérios dão a possibilidade de nascer na eternidade, sendo a porta da justiça, e a história da salvação é o modo de nela participar.

Livro II (9 capítulos e um sumário) O que confere o Baptismo à vida em Cristo. O Baptismo, primeiro dos mistérios, é o início da vida em Cristo. Cabasilas diz que: «O Baptismo é o nascimento, o Myron é o princípio em nós de energia e de movimento, o pão da vida e o cálice eucarístico são verdadeira comida e verdadeira bebida»²⁶. Para alguém ser baptizado significa nascer segundo Cristo. Primeiro, é lavado (Baptismo) e, depois perfumado (Confirmação), para aceder à sagrada mesa (Eucaristia). Muitos nomes são atribuídos ao Baptismo: «Nascimento, renascimento, nova criação, selo, imersão, veste, crisma, dom, iluminação e banho»²⁷. Mas todos significam o banho que é o princípio da vida em Cristo. A experiência sublime acontece no Martírio, o Baptismo de sangue. Quanto aos símbolos do Baptismo: «As lâmpadas, os cânticos, os coros, as aclamações»²⁸, tudo reflecte a luz e o seu

²⁵ CABASILAS, *La vita in Cristo* 99.

²⁶ CABASILAS, *La vita in Cristo* 104.

²⁷ CABASILAS, *La vita in Cristo* 106.

²⁸ CABASILAS, *La vita in Cristo* 157.

fruto é a alegria e o amor. O grande efeito do Baptismo é apagar os pecados e reconciliar Deus com o homem, tornar o homem filho de Deus para preparar a vida futura. O mistério do Baptismo é princípio da vida em Cristo. É a lógica do homem novo, na dialéctica: morte – ressurreição, que é a lógica da liturgia, cujo centro é o mistério pascal de Cristo.

Livro III (3 capítulos) O que confere o Divino Myron à vida em Cristo. O livro III é breve. Neste, Cristo aparece como o crisma no tempo. O Myron é a comunhão do espírito.

Para o autor, «a iniciação aos santíssimos mistérios e o exercício da vontade na virtude»²⁹, unem os homens a Deus e nisto consiste a salvação. O Myron unge a igreja e torna-a casa de oração.

Livro IV (8 capítulos) O que confere a Santa Comunhão à vida em Cristo. A mesa é o cume da vida. É o sublime mistério, que confere a perfeição aos outros mistérios. Um grande realismo sacramental da Eucaristia está patente neste livro. Fala-se da assimilação física do corpo e do sangue. À vida espiritual associa-se o realismo físico da Eucaristia: «precisamos sempre da carne de Cristo»³⁰. Com a Eucaristia, o autor aprofunda a doutrina da incorporação a Cristo: «se Cristo está em nós, o que nos falta?»³¹ e «se nós estivermos Nele, o que é que podemos mais desejar?»³². A analogia ao Corpo de Cristo, leva-o a marcar o seu cristocentrismo, ao referir-se à comunhão frequente, para que o corpo seja inteiro: membros, cabeça, coração.

Livro V (2 capítulos) O que confere a consagração do santo altar à vida em Cristo. Depois de ter prestado atenção à Iniciação cristã, dá agora relevo ao mistério do altar, interrogando-se: «Que relação tem com a vida em Cristo?» (cf. título deste livro). Expõe o rito bizantino e dá a sua interpretação. As vestes e a atitude do Bispo representam o tipo do altar humano. O modelo do altar é o próprio Bispo, pois «só a natureza humana pode ser verdadeiramente templo e altar de Deus»³³. Estabelece, uma relação directa entre a Iniciação cristã e a consagração do altar: «recorda o Baptismo, a divina unção, o cálice e a mesa que leva o sagrado pão»³⁴. Insiste, ainda, na proximidade dos mártires a Cristo. Mostra, depois, a correspondência entre o altar e Cristo e que o altar devem ser os cristãos.

²⁹ CABASILAS, *La vita in Cristo* 175.

³⁰ CABASILAS, *La vita in Cristo* 202.

³¹ CABASILAS, *La vita in Cristo* 185.

³² CABASILAS, *La vita in Cristo* 185-186

³³ CABASILAS, *La vita in Cristo* 246.

³⁴ CABASILAS, *La vita in Cristo* 247.

Livro VI (12 capítulos) Como guardar a vida em Cristo depois de a ter recebido dos mistérios. As Bem-Aventuranças oferecem-nos o critério de procurar a coerência da verdade litúrgica, como memória activa e recordação dos mistérios. A memória de Cristo deve ser incessante. Por esta lógica, querer o bem não é difícil, mas acolhê-lo, conservá-lo, requer cansaço e aplicação de um certo método. O fruto dos bons pensamentos são as Bem-Aventuranças: a pobreza de espírito; a contrição dos pecados; a mansidão; a misericórdia. Por outro lado, a pureza do coração, a paz, e a justiça nascem da meditação dos mistérios e exercitam a alma para a santidade. A Eucaristia é a recordação constante de Cristo «o pão que fortifica o coração do homem»³⁵. A acção, o desejo e o pensamento são características presentes na visão antropológica de Cabasilas.

Livro VII (6 capítulos) Como se torna aquele que, iniciado aos mistérios, com o próprio empenho guardou a graça neles recebida. A dialéctica: *tristeza-alegria*, a primeira quase conatural à existência humana e a segunda conatural à liturgia, aparecem neste livro bem retratadas. A liturgia é assim a alegria da existência. Daí que os frutos dos mistérios sejam a rectidão e a bondade. A graça de Deus e o empenho de que recebem os dons interligam-se. Para quem vive em Cristo, o itinerário começado na Iniciação cristã culmina na caridade «que coisa se pode chamar vida mais justamente que a caridade?»³⁶.

Concluindo

Neste breve e limitado estudo, verificamos como Cabasilas nos apresenta a espiritualidade cristã de base, que parte da Iniciação cristã para chegar à caridade. No último livro, define: «Esta é a vida em Cristo: assim está escondida e assim aparece à luz das obras boas, luz que é a caridade»³⁷.

Cristo faz-se nosso companheiro. Ele é o único modelo a contemplar. É uma pessoa real, o Verbo de Deus fez-se homem, enviado na «plenitude do tempo... nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adopção filial»³⁸. Efectivamente, Cristo não é o meio de santificação, mas a estrutura da nossa santidade.

³⁵ CABASILAS, *La vita in Cristo* 316.

³⁶ CABASILAS, *La vita in Cristo* 370.

³⁷ CABASILAS, *La vita in Cristo* 369.

³⁸ Gal 4,4.

A teologia Paulina da vida em Cristo, do Corpo de Cristo e da morte e ressurreição, aparecem claras neste livro nitidamente cristocêntrico. Os mistérios são quase janelas onde entra o sol da justiça, para a respiração deste ar de vida cristã, formada pelos sacramentos.

A vida em Cristo é pois, um programa de vida espiritual, onde o papel de Deus se desenvolve pelos sacramentos e o do homem pela sua colaboração. O encontro de Deus com o homem não é um resultado de um duplo movimento: do homem que procura e de Deus que o encontra; mas obra única de Deus. Foi Ele que tomou a iniciativa: «a ovelha não procurou o pastor, a dracma não encontrou o pai de família»³⁹. Em Cristo, a imagem de Deus é levada à perfeição e à glória maior que em Adão.

Sob a perspectiva antropológica, o teólogo bizantino diz que: «O Salvador só foi o primeiro e o único a revelar o homem verdadeiro e perfeito nos costumes, na vida e em tudo»⁴⁰. Ninguém é tão santo como o homem, a partir do momento em que Deus entrou em comunhão com a sua natureza. Na deificação dos homens, Deus exprime o seu poder. Este é um privilégio inigualável e uma inaudita novidade, que o homem se torne igual em honra e divindade à Trindade. A deificação é o fim da Encarnação que se cumpre na Eucaristia, pela qual Cristo se funde em nós.

De facto, os sacramentos dispostos por Deus levam-nos a ser com Cristo: «recebemos o baptismo para morrer da sua morte e ressurgir da sua ressurreição, a unção do crisma para nos tornarmos participantes da unção real da sua divindade; enfim, comendo o pão santíssimo e bebendo o diviníssimo cálice, comungamos a mesma carne e o mesmo sangue que o Salvador assumiu»⁴¹.

³⁹ CABASILAS, *La vita in Cristo* 74.

⁴⁰ CABASILAS, *La vita in Cristo* 311.

⁴¹ CABASILAS, *La vita in Cristo* 103.